

AYENE VIEIRA DA SILVA

**CARTAS AFETIVAS COMO CAMINHO DE NARRATIVA PROCESSUAL:
Uma experiência com a juventude da Maré**

Rio de Janeiro

2025

AYENE VIEIRA DA SILVA

**CARTAS AFETIVAS COMO CAMINHO DE NARRATIVA PROCESSUAL:
Uma experiência com a juventude da Maré**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ensino do Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Centro de Letras e Artes como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Teatro, orientado pela Profa. Dra. Marina Henriques Coutinho.

Rio de Janeiro
2025

AYENE VIEIRA DA SILVA

CARTAS AFETIVAS COMO CAMINHO DE NARRATIVA PROCESSUAL:

Uma experiência com a juventude da Maré

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Teatro, modalidade Licenciatura, como requisito para obtenção do grau de Licenciada.

Orientadora: Profa. Dra. Marina H. Coutinho

Profa. Ms. Clarisse Lopes

Profa. Dra. Carmela Soares

Conceito: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Sílvia e Franklin, por todo o apoio que sempre me deram para seguir os meus sonhos e objetivos. Agradeço aos jovens do Centro de Artes da Maré que me receberam com tamanha generosidade e entusiasmo para que eu pudesse aprender com eles. Agradeço aos meus amigos de trabalho Joyce Araújo e Nalui Figueiredo por todo o companheirismo nessa jornada. Agradeço à professora Marina Henriques pelo olhar atento e cuidadoso na orientação do Programa e do presente trabalho. Agradeço ao meu companheiro Erick pelo apoio e incentivo durante esse período desafiador da escrita. Agradeço a todos os professores que passaram pela minha formação e me ajudaram a ser a professora que me torno hoje. Em especial à Geane Prado, minha eterna Tia Gê por ser a semeadora dessa semente que hoje dá seus próprios frutos. Agradeço também às professoras Carmela e Clarisse pela gentileza de aceitarem fazer parte da defesa do meu trabalho de conclusão. Por fim, agradeço imensamente à favela por me ensinar todos os dias que meu território está e sempre estará presente comigo onde quer que eu vá.

RESUMO

O presente trabalho narra através de cartas afetivas o processo pessoal da autora, desde o início de sua história com o teatro, ao seu ingresso na universidade e ao encontro com a prática docente através do Programa de extensão Teatro em Comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Teatro em Comunidades 2. Favela 3. Pedagogia Teatral

SUMÁRIO

<i>Palavras iniciais</i>	7
Carta 1 - O caminho até aqui	8
Carta 2 - Você acredita?	13
Carta 3 - Colcha de Retalhos	18
Carta 4 - Como caminhar no descompasso?	26
<i>Palavras finais</i>	56
Referências Bibliográficas	58

Palavras iniciais

Querido/a/e leitor/a/e, escolhi escrever o presente trabalho por meio de cartas porque por meio delas encontrei uma maneira de comunicar ideias, processos de vida e registros de realizações, expressando as minhas emoções, subjetividades e sentimentos de maneira poética, lúdica, tal como nos permite fazer o teatro.

A ideia de escrever cartas veio diretamente de uma avaliação feita pela Profa Carmela na matéria Estágio III, onde foi pedido que os alunos escrevessem cartas afetivas relatando o processo vivido em seus estágios. Após contar sobre a avaliação para a Profa Marina, que iniciava a minha orientação neste trabalho, fui incentivada a fazer uso desse formato e me encantei com a ideia.

Ao escolher as cartas como formato narrativo, pretendo transmitir informações, com transbordamento de afetos, insights e descobertas, como um espetáculo que se realiza entre a autora e as/os leitores/as, entre a atriz e o público.

A **carta 1** narra como o teatro começou para mim e como através dele chego ao curso de Licenciatura em Teatro.

A **carta 2** aprofunda os conceitos introduzidos na carta anterior e narra os processos que se iniciam em mim ao chegar na universidade gerando mudanças de perspectivas.

Na **carta 3** explico sobre o conceito do Teatro em Comunidades e narro como após muitos questionamentos, foi a extensão universitária que deu sentido à caminhada da licenciatura.

A **carta 4** narra os processo das aulas do programa de extensão Teatro em Comunidades nos anos de 2023 e 2024 e suas respectivas apresentações finais.

Por fim, nas **Palavras Finais**, narro como os meus caminhos e feridas se conectam com as histórias dos jovens com os quais trabalhei, abrindo assim um portal de cura e ressignificação por meio das trocas resultantes desse processo.

Carta 1 - O caminho até aqui

Para: Tia Gê

Quarta-feira, 6 de dezembro de 2023

Querida Tia Gê,

Nada mais justo que começar com você, já que é a responsável por plantar a semente artística no peito dessa aspirante à professora que aqui vos fala. Na minha história de amor com o teatro você foi ponto de partida. Mas seria irreal (e piegas) falar apenas de amor nessa trajetória, que para além dele me exigiu muita luta, coragem, persistência, resistência e definitivamente teimosia. Essa última é sempre assunto entre nós duas nos nossos - cada vez mais raros - encontros. A menina teimosa que fui naquelas aulas de teatro me ajudou a lutar pela minha permanência como artista. Me ajuda até hoje, todas as vezes em que me pego pensando nas dificuldades de ser: artista, mulher, atriz, pobre, favelada, da Baixada Fluminense. É preciso teimar. Coragem até tatuei no braço direito, em contraposição à palavra Arte que tatuei no esquerdo. Coragem como apoio e Arte como afetação.

Com esses dois escudos que carrego discretamente comigo, chego aqui após alguns bons anos de conexão CaxiasXUrca. Ou melhor, CaxiasXCentral, CentralXUrca. Sabemos que faz diferença. Essa semana presenciei uma fala de uma líder Quilombola na qual ela contava o relato de uma jovem pertencente ao seu Quilombo que desistiu de fazer a faculdade pela dificuldade de locomoção e porque percebeu que para estar ali, naquela Universidade, tentando conseguir seu diploma, ela se afastava cada vez mais de seu território e das vivências que ela compartilhava lá. Segundo ela, essa vivência era a coisa que mais importava à essa jovem, então não fazia sentido continuar passando por tantas dificuldades enquanto se afastava do essencial. Aquela fala bateu num lugar conhecido por mim, que já foi intocável, por saber a dor que me causa e ainda não saber como ressignificar. E nem se devo.

Amada professora, esqueci de avisar que essa carta que te escrevo não é só nossa. Nesse momento ela estará sendo lida por alguém, pois também faz parte do meu

trabalho de conclusão do curso. Então por isso, peço licença para me apresentar a aqueles que diferente de você, podem não me conhecer tão a fundo. Como você sabe, nasci e me criei na favela do Lixão em Duque de Caxias. Filha da sua querida Silvinha, maranhense, mais velha de 7 irmãos, que aos 17 anos veio tentar a sorte na “Cidade Maravilhosa”, já que a sorte não sabia o caminho para aquela casa humilde em que sobrevivia sem ter o quê dividir pra tantas bocas. E também do Franklin, carioca que praticamente cresceu e se criou sozinho, passando por famílias e relações conturbadas. Os dois se encontram na região da Tijuca, quando se apaixonam, rapidamente se casam e em pouco tempo dão luz ao seu primeiro fruto: um menino que recebe o nome de Marlon. Quatro anos depois vem ao mundo esta que te conta essa história, que definitivamente você já escutou dos próprios personagens aqui citados. Pois bem, pouco antes que eu pudesse nascer eles migram pra Baixada Fluminense em busca de um pedaço de chão que pudessem chamar de “meu”. Mais precisamente pra favela pela qual caminho hoje. Desde pequena, crescer aqui me causava algumas dúvidas, que pareciam pertinentes (mesmo para a cabeça de uma menina). Eu não entendia porque não estudava na mesma escola que os colegas da minha rua, e menos ainda porque os via tão pouco. Marlon e eu sempre fomos colocados em bastantes atividades extracurriculares, tendo passado por aulas de quase tudo que se pode imaginar: Capoeira, Judô, Teatro, Dança, Vôlei, Futsal, Futebol, Handebol, Inglês, Informática, Reforço Escolar e por aí vai. O engraçado é que todas essas atividades possuíam algo em comum: a migração pendular. Se não souber o que isso significa, te digo que a pouco tempo seríamos duas nesse barco. Porém com o auxílio do Google encontrei essa definição ao pesquisar sobre o tema, que segundo ele “se refere aos deslocamentos diários dos indivíduos para realizar ações de sua vida cotidiana como: trabalhar, estudar, lazer entre outros.”

Também me foi oferecida a opção do Movimento Pendular, que se refere ao “deslocamento diário de pessoas entre municípios distintos, para fins de trabalho e/ou estudo e moradia.” Tendo escolhido a opção que te agrada mais aos ouvidos, acredito que já entenda sobre o que estou querendo falar minha querida mestra, já que tantas vezes em nossas conversas você compartilhou relatos seus que eram tão meus. Outro termo complementar que chegou ao meu conhecimento por intermédio da universidade e que muito me instigou a atenção é o de “cidade

dormitório”, que se refere às cidades que se formam ao redor de uma metrópole, para onde seus habitantes se deslocam diariamente para fazer suas atividades diárias, como as que listei anteriormente, pra depois voltarem ao final do dia para descansar. Ou melhor dizendo, se preparar para o deslocamento dos dias seguintes. Isso acontece pelo fato de que o investimento nessas cidades dormitórios é mínimo, tendo em vista que o olhar do Estado sempre está voltado em alimentar as grandes metrópoles, seja por meio de infraestrutura, comércio, educação, cultura e muitos outros meios, de forma que seus habitantes tenham que sair de seus territórios para ter acesso a esses bens, porém não possam viver nessas cidades devido aos altos custos. O geógrafo David Harvey comenta sobre a lógica da desigualdade em cidades metrópole, como o Rio de Janeiro:

As cidades sempre foram lugares de desenvolvimentos geográfico desiguais (às vezes de um tipo totalmente benevolente e entusiasmante), mas as diferenças agora proliferam e se intensifica de maneiras negativas, até mesmo patológicas, que inevitavelmente semeiam tensão civil. A luta contemporânea de absorver o mais-valor durante a fase frenética de construção da cidade (basta observar o horizonte das cidades de Xangai, Mumbai, São Paulo, Cidade do México) contrasta dramaticamente com o desenvolvimento de um planeta onde favelas proliferam (...)

Na história urbana, calma e civilidade são exceções, e não a regra. A única pergunta interessante é se os resultados são criativos ou destrutivos. Normalmente são ambos: a cidade tem sido por muito tempo um epicentro de criatividade destrutiva.

(HARVEY, 2012, p. 50)

De volta pra minha história, que também é nossa, eu poderia dizer com convicção que vivemos em uma Cidade Dormitório, e afunilando mais ainda, em Bairros Dormitórios também. Ou seja, pertencemos à periferia da periferia, se isso existir. A verdade é que sabemos bem que existe. Sendo moradora de uma favela em uma cidade dormitório da Baixada Fluminense, não há dúvidas. Todo esse conceito geográfico que uso aqui nessa carta que te escrevo é pra dizer que hoje, eu consigo responder aos questionamentos da minha criança, que não entendia o porquê de tamanho deslocamento. Além das preocupações de uma mãe que criava seus filhos em um ambiente hostil e procurava ao máximo ocupá-los com atividades fora dali, hoje eu contaria a pequena eu, que esse foi só o começo de uma série de migrações que ela precisou fazer para teimosamente ter acesso a lugares que lhe

eram negados caso permanecesse com seu corpo em repouso. Esse movimento que me lembra quase a inércia de Newton - tirando o fato de que há sim, inúmeras forças contrárias existentes - a que fez quem ela é hoje, apesar do custo altíssimo: suas raízes. Um custo que mais soa como uma herança, que a contragosto de muitos, me recuso a deixar para os meus, pois escolho retomar minhas raízes, meu território, minha ancestralidade e minhas histórias. Retomo pelos que vieram e ainda mais pelos que virão. Retomo para poder continuar.

Com carinho, sua Yaya.



Fotos do arquivo pessoal. Na foto: Ayene e Tia Gê nos bastidores de uma peça teatral em 2001.

Carta 2 - Você acredita?

Para: Ayene

Sexta-feira, 13 de dezembro de 2024

Sim, essa é uma carta para mim mesma. E como nunca recebi uma carta antes, peço licença para me dar tudo que tenho direito, a começar pelas solenidades, portanto:

Querida Ayene,

Você não acreditaria em nada do que aconteceu e vem acontecendo nos últimos sete anos. Sim, já fazem sete anos que você saiu da casa dos seus pais pela primeira vez em direção à Urca. Falo dessa forma, porque me refiro àquela menina que recebeu a ligação do diretor avisando que havia passado na universidade dos seus sonhos e não sabia se chorava ou não, por medo de ser apenas um engano. Você precisou pedir para que amigos olhassem o resultado e confirmassem que era real mesmo. Te escrevo esta carta como se existisse em mim uma esperança de voltar no tempo e te preparar pro que viria a acontecer. Nessa trajetória em busca do direito de estudar o que te aquece o peito, o primeiro encontro com o suposto inacessível se deu quando quebrando expectativas subi a escadaria da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) para me inscrever no curso profissionalizante. Então, após seis anos saindo de Caxias para Laranjeiras para estudar teatro, dessa vez era outra parte inacessível do Rio de Janeiro para um corpo favelado que não estivesse a serviço, que iria te receber. Fiquei embasbacada ao entrar no Campus onde estudaria. Não era a primeira vez que entrava lá, mas era a primeira vez que entrava com o olhar de que era “aceita” por ele. Ao mesmo tempo em que o medo tentava tomar conta de mim, levando de carona a insegurança junto, algo mais forte dentro de mim crescia. A esperança de pensar que finalmente havia espaço para mim. Ou que eu estava criando espaço. Como disse David Harvey:

O direito à cidade não é um presente. Ele tem de ser tomado pelo movimento político. A luta pelo direito à cidade merece ser realizada. Deve ser considerada

inalienável. A liberdade da cidade ainda precisa ser alcançada.

(HARVEY, 2012, p. 59)

Então, tomamos espaço, chegamos lá. Agora esse espaço é tão nosso, quanto de todos aqueles que já estavam acostumados a estar em ambientes acadêmicos, pois afinal se prepararam a vida inteira para isso, seguindo tradições de família. Sou tão pertencente a esse chão, quanto eles, não sou? Na teoria até poderia ser, mas na prática sabemos que a realidade é bem diferente. Não demorou muito para que a conhecêssemos. A realidade financeira nos trouxe um banho de realidade. Só pra ir e voltar da universidade um dia na semana, uma pessoa como nós, vinda da Baixada Fluminense gastava quase R\$20,00. Mais especificamente R\$ 18,80. Eram 6 reais do ônibus que fazia a viagem de Caxias até a Central do Brasil e 3,40 (na primeira parte do ano de 2018, já que logo depois ocorreram aumentos na tarifa) no ônibus que fazia a viagem da Central até a Urca. Obviamente, precisávamos ir e voltar, então multiplicamos essa soma por 2 e encontramos o valor citado anteriormente. Como sabemos, ninguém vive só de deslocamento, porque justamente para isso precisamos de energia. Se a aula começava às 13h, e eu levava 2 horas (no mínimo) de deslocamento, precisaria sair de Caxias por volta de 11 horas da manhã. Porém, de acordo com essa conta eu chegaria na hora exata da aula, e 11 horas era cedo demais para sair de casa alimentada. Sendo assim, eu precisaria sair de casa por volta das 10 horas da manhã, para poder chegar por volta de 12 horas e almoçar no 'bandejão'. O 'bandejão' tinha o valor de R\$ 3,00 por refeição. Considerando que as aulas normalmente iam de 13h até 22h, precisava não só almoçar, como jantar também. R\$3,00 que já viravam R\$6,00. Que por 5 dias na semana, viram R\$ 30,00. Desculpa, mas pra quem pensou que fugiria da matemática escolhendo a arte é irônico demais estarmos falando tanto de números no nosso trabalho de conclusão de curso. Pois bem, somando só passagem e alimentação, gastávamos por baixo R\$ 124,00 por semana e mais ou menos R\$ 496,00 por mês para estar na universidade pública. Que ironia. Não parecia mais tão acolhedor como antes, não é?

A essa altura, me vinha à mente aquele encontro que você teve com um colega de escola, no ponto de ônibus em direção a mais um dia de Universidade, se lembra?

Claro que sim, é difícil de esquecer algo que te marcou tanto. Era início do primeiro semestre, quando o encontrou e ele veio sorridente cumprimentar. Falou que estava indo trabalhar e perguntou se você também. Disse a ele que não, que estava indo para a faculdade. Ele ficou feliz e perguntou qual curso eu estava fazendo. Eu disse a ele que fazia Licenciatura em Teatro na UNIRIO. Ele, que inclusive já havia feito teatro na nossa antiga escola, demonstrou surpresa e alegria, e em seguida me perguntou quanto eu pagava na faculdade. Respondi a ele que não pagava nada, pois a UNIRIO era uma universidade pública. E ele me perguntou perplexo: “Ué, mas aí não precisa pagar?”.

Obviamente, comecei a correr atrás de benefícios que pudessem me ajudar a pagar o preço pela educação que havia sonhado. Consegui o passe universitário mais de um semestre depois, pois haviam me dito que por morar em outro município, eu não tinha direito a ele. Quando finalmente o fiz, pude pelo menos descansar da tarifa do transporte do município do Rio, que fazia a metade da minha viagem, já que ele só é aceito em ônibus municipais. Mas como eu havia contado, a passagem mais cara não era essa, mas a que me levava de um município a outro, e essa eu continuei a ter que pagar até o final da universidade. Consegui também uma bolsa de incentivo acadêmico que me ajudou a custear alguns dos meus gastos com o estudo. Sou grata por essas iniciativas que a universidade nos oferece, apesar de ainda precárias. Mas isso ainda não era suficiente, nem financeiramente, nem mentalmente. Digo mentalmente, porque sinto que a saúde mental dos estudantes no geral não é considerada dentro da universidade como deveria, principalmente dos estudantes periféricos. Cada mês, cada semestre que se passava, eu sentia como se um muro fosse se erguendo ao meu redor. Eu, presa dentro de um cubo na universidade e muros que cresciam cada vez mais. Essa era a imagem. Comecei a me sentir sufocada. O que é mesmo que estou fazendo aqui? Porque quis vir pra esse lugar? Eu deveria estar aqui? Porque sinto que não? Onde eu consigo me enxergar aqui? Em quem? Será que devo continuar? E para quê?

Esses eram alguns dos questionamentos que me atormentavam após o primeiro semestre do curso. Digo após o primeiro, porque antes eu ainda vivia “um sonho”: o de estar onde eu sempre quis e não acreditava ser possível.

Em 2020 fomos surpreendidos com a pandemia da COVID 19. A primeira semana de aulas daquele primeiro semestre do ano mal havia iniciado quando começaram os rumores de um possível confinamento. Todos queríamos acreditar que não, mas na sexta-feira daquela semana recebemos a notícia enquanto estávamos em sala de aula: iríamos ficar em casa por algumas semanas. Isso é, achávamos que seriam apenas semanas, mas estas se transformaram em meses e até em anos (para quem realmente seguiu as riscas o que era proposto). Ali, presa, dessa vez literalmente, entre quatro paredes, meus questionamentos que antes sussurravam e aumentavam de volume gradativamente, começaram a gritar de forma ensurdecedora dentro da minha cabeça. Com a saúde mental prejudicada, não via sentido em nada, muito menos no estudo que estava fazendo. Tomei a decisão de trancar a faculdade. Parecia fazer mais sentido dar ouvidos àquelas vozes agora, onde o mundo passava por mudanças tão drásticas. E assim o fiz, até as coisas começarem a melhorar.

Quando finalmente começamos a poder sair de casa aos poucos e retornar para nossas atividades, eu não retornei. Se já me sentia presa antes, quando as paredes eram apenas imaginárias, agora, após realmente sentir o confinamento na pele, meu corpo não parecia querer aceitar mais. Sendo uma pessoa de múltiplos interesses (uma característica que acredito ter me ajudado e prejudicado na mesma proporção ao longo da vida), resolvi que talvez fosse hora de dar espaço a algum deles. Assim sendo, decidi por manter o curso trancado e começar outro em uma universidade particular, já que desconhecia o caminho para retornar.

Conversei com meus pais sobre como me sentia e pedi que me ajudassem financeiramente no início desse novo processo, tendo me comprometido em arrumar um emprego para ajudar a pagar minha mensalidade do curso de Serviço Social junto com eles, e eles aceitaram a proposta. Fiz um semestre do novo curso e apesar de gostar do que aprendi, pude perceber logo que não era bem isso o que estava procurando. Então, na sede em que estava de encontrar um caminho diferente, resolvi rapidamente continuar a busca e tentar outro dos interesses que me instigava curiosidade: a Psicologia. Essa infelizmente durou menos do que eu gostaria, já que fui enganada pela instituição particular na qual eu havia me inscrito a respeito do valor que seria pago.

Diante desse novo golpe, me encontrava novamente perdida. Pensava em retornar para a Licenciatura em Teatro e terminar o que havia começado, mas ao refletir sobre essa possibilidade e relembrar os sentimentos que surgiram enquanto eu estava lá, meu corpo travava. Ele estava cansado de confinamentos, sejam eles físicos ou mentais. E justamente nessa ânsia pela rua que meu corpo tanto pedia, fui a uma manifestação no ano de 2022 a favor do candidato que viria a se tornar presidente em 2023. Lá encontrei alguns colegas com os quais eu havia estudado na Unirio que estavam felizes em poder retornar não só às ruas, mas também às aulas presenciais, que começariam em breve. Colegas esses, que por coincidência ou destino, faziam parte do programa de extensão que havia me despertado interesse assim que ingressei na Universidade: o Programa de Extensão Teatro em Comunidades. Na manifestação encontrei também a professora Marina Henriques Coutinho, criadora e orientadora do Programa de Extensão. Ali, naquele encontro, uma esperança se acendia e você começaria a sair do casulo em que havia se enfiado nos últimos anos. O corpo que pedia rua encontrou a extensão que precisava.

Teatro é arte e sempre foi arma. Hoje, mais do que nunca, lutando pela nossa sobrevivência cultural, o teatro é arte que revela nossa identidade e arma que a preserva.

Para resistir, não basta dizer não: desejar é preciso! É preciso sonhar. Não o sonho tecnicolorido da televisão que substitui a dura realidade em preto e branco, mas o sonho que prepara uma nova realidade.

Uma nova realidade em que se busque unificar a Humanidade, mas não uniformizar os seres humanos. Hoje, o teatro é arte marcial!

(BOAL, 2003, p.91)

Carta 3 - Colcha de Retalhos

Para: Paulo Freire

Domingo, 2 de Fevereiro de 2025

Querido Paulo,

Você inspirou e inspira diretamente a caminhada de licenciandas/os, pedagogas/os, pesquisadoras/es e pensadoras/es, tanto aqui no Brasil, quanto pelo mundo afora, com pensamentos, reflexões, vivências e exemplos compartilhados nas obras que nos deixou. O que poderia eu, uma mera estudante, falar a alguém como você? É o que muitos poderiam pensar, e confesso que também pensei quando me veio à mente a ideia de escrever essa “pretensiosa” carta. Porém, conhecendo seus pensamentos e obras, acredito que esses “pensamentos intrusivos” não estariam alinhados com os seus. Gosto de pensar que você ouviria atentamente as histórias dos jovens que iniciam suas jornadas na educação e que veem em você um exemplo de educador a ser seguido. Provavelmente rolaria até uma troca de experiências, por que não? Sendo assim, após afastar esses pensamentos, gostaria de te contar sobre como foi o caminho de volta para a universidade após dois anos com o curso trancado e o coração de educadora também (ou pelo menos era o que eu pensava). Mas para isso, faz-se necessário voltar um pouco antes.

Em março de 2018, assim que cheguei na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, assisti a uma apresentação da peça “Arame Farpado”¹ do coletivo que leva o mesmo nome. A peça, que era feita por estudantes de teatro da Unirio e falava sobre os desafios de ser um estudante periférico em uma universidade elitizada, foi apresentada no Palcão da Unirio. Assim que saí da sala, fiquei embasbacada com o que havia assistido. Eu nunca tinha visto temas como aqueles serem falados em um palco, ainda mais com tamanha propriedade e desenvoltura. A peça definitivamente impactava a todos que assistiam, mas sem dúvidas o efeito causado em estudantes periféricos era ainda mais visceral. Afinal, eram eles representados ali no palco. Se assistir sem ser alvo de sátira era algo novo. Durante

¹ Mais informação no artigo de Phellipe Azevedo, diretor do espetáculo:
<http://www.questaodecritica.com.br/2018/03/arame-farpado/>

muito tempo, assim como muitos, compartilhei um sentimento de que precisava me conter. Conter tudo aquilo que sobrava, que transbordava de mim e que constituía quem eu sou. Isso incluía os trejeitos, o tom de voz, as gírias e as formas de falar. Ao entrar em um lugar em que sabiam a minha origem, era comum sentir um certo olhar de vigilância. Qualquer movimento involuntário poderia ser interpretado como algo que já era esperado e que provavelmente confirmaria alguma teoria preconceituosa qualquer a respeito de quem vêm de lugares como o meu. Por isso, o “ideal” era a omissão. Omitir tudo que pudesse gerar interpretações. Diminuir até caber em caixas elitistas que definitivamente não foram feitas para nós. E, à medida que o tempo foi passando, eu me sentia cada vez mais compacta e desconectada das minhas origens. Cada vez mais distante de casa e mais próxima de lugares que pareciam não querer a minha presença. Existia um nó preso na garganta ao caminhar por esses lugares. Por isso, a minha grata surpresa ao ser recebida na universidade com um espetáculo que dialogava comigo e que parecia desfazer esses nós presos em tantas gargantas ali. Como disse Augusto Boal:

O Teatro é um meio privilegiado para descobrir quem somos, ao criarmos imagens do nosso desejo: somos nosso desejo ou nada somos.

Por que o teatro? Porque existem artes, como a música, que organiza o som e o silêncio, no tempo; outras, como a pintura, que organizam a forma e a cor, no espaço; e existem artes como o teatro, que organizam ações humanas, no tempo e no espaço.

Ao organizarem as ações humanas, mostram onde se esteve, onde se está e para onde se vai: quem somos, o que sentimos e o que desejamos. Por isso, devemos fazer teatro, todos nós: para saber quem somos e descobrir quem podemos vir a ser.

(BOAL, 2003, p. 90)

Essa foi a primeira lembrança de um momento onde me senti verdadeiramente pertencente. Ou ao menos que também havia um espaço onde eu poderia caber. Após esse, houve outros dois momentos marcantes nessa trajetória que me fizeram sentir algo muito parecido. Fazer a disciplina “Teatro em Comunidades” foi um deles. A disciplina aborda “a análise das especificidades do teatro em comunidades e a perspectiva histórica desta vertente teatral em plena expansão no Brasil e no mundo” e é ministrada pela Professora Marina Henriques Coutinho, com quem eu já havia tido aula no primeiro semestre e havia me encantado com sua metodologia e

práxis. O campo do Teatro em Comunidades pode ser definido pelas palavras da professora Márcia Pompeo Nogueira:

Trata-se de um teatro criado coletivamente, através da colaboração entre artistas e comunidades específicas. Os processos criativos têm sua origem e seu destino voltados para realidades vividas em comunidades de local ou de interesse. De um modo geral, mesmo usando terminologias diferentes, esboça-se um método baseado em histórias pessoais e locais, desenvolvidas a partir de improvisação. Cada terminologia, a seu modo, guarda relações com um processo educativo entendido ou não como transformador. Do meu ponto de vista podemos, no Brasil, chamar essas práticas de Teatro em Comunidades. (NOGUEIRA, 2008, p. 4)

Na disciplina que recebe o apelido de TEC, muito além de entendermos o conceito do Teatro em Comunidades, somos incentivados a contar sobre nossas trajetórias de vida, o lugar de onde viemos, nossas ancestralidades e também a ouvir e se reconhecer nas histórias e vivências do outro. Saímos do lugar de meros estudantes que recebem conteúdos - o que você nomeou como "ensino bancário" - e vamos para o centro da sala, nos colocando como protagonistas de nossas próprias histórias. Definitivamente essa é uma passagem marcante e importante para alunos periféricos dentro da Escola de Teatro. Gosto de pensar que você se identificaria com o pensamento da professora Marina, que se inspira em seus escritos compartilhados conosco, onde você se debruçou a falar sobre como ensinar exige respeito aos saberes dos educandos:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos.

Aprendidos, estes operam por si mesmos. (Freire, 1996, p 15.)

Infelizmente, nunca tive a oportunidade de praticar teatro dentro do meu próprio território. Na minha favela nunca houve aulas de teatro. Houve sim, alguns projetos pontuais que ofereciam aulas de esportes, e depois de mais ou menos um ano de projeto, eles desapareciam e deixavam no lugar bastante frustração. Projetos esses que provavelmente não achavam que arte era algo importante de ser oferecido para corpos favelados. Então, foi uma grata surpresa para mim saber que existia um projeto dentro da Unirio onde estudantes como eu, poderiam dar aulas em territórios periféricos como os nossos.

O Programa de Extensão Teatro em Comunidades foi criado em 2011 no Departamento de Ensino do Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, é coordenado pela profa. Dra. Marina Henriques Coutinho. Ele integra ações nos três eixos de formação em nível superior: ensino acadêmico, extensão social e pesquisa institucional. O programa visa promover a produção de conhecimento em teatro, a prática artística e pedagógica, estimulada pelo encontro entre a Escola de Teatro (Unirio) e moradores da Maré. Sua ação principal é a atuação de estudantes do curso de Licenciatura em Teatro como orientadores de grupos formados por adolescentes e adultos em diferentes pontos do Complexo da Maré. As/os licenciandas/os são responsáveis pela condução das aulas de teatro que ocorrem regularmente todos os sábados pela manhã.²

Parecia bom poder ressignificar essa dor de não ter tido esse acesso, fazendo parte de um projeto que proporciona isso para outros adolescentes como a que eu fui. Imaginei a adolescente deslocada e tímida que eu era participando de algo assim, e um sorriso em meu rosto se abriu. Seria incrível ter tido a oportunidade de fazer amizades com pessoas da minha idade que tinham uma realidade parecida com a minha, poder falar sobre questões que fui incentivada a calar e me sentir representada no palco. Entrei em devaneio pensando em quanta coisa poderia ter sido diferente na criação da Ayene que sou hoje. Porém, apesar da identificação imediata que senti com o projeto, dois anos se passaram e eu não me candidatei

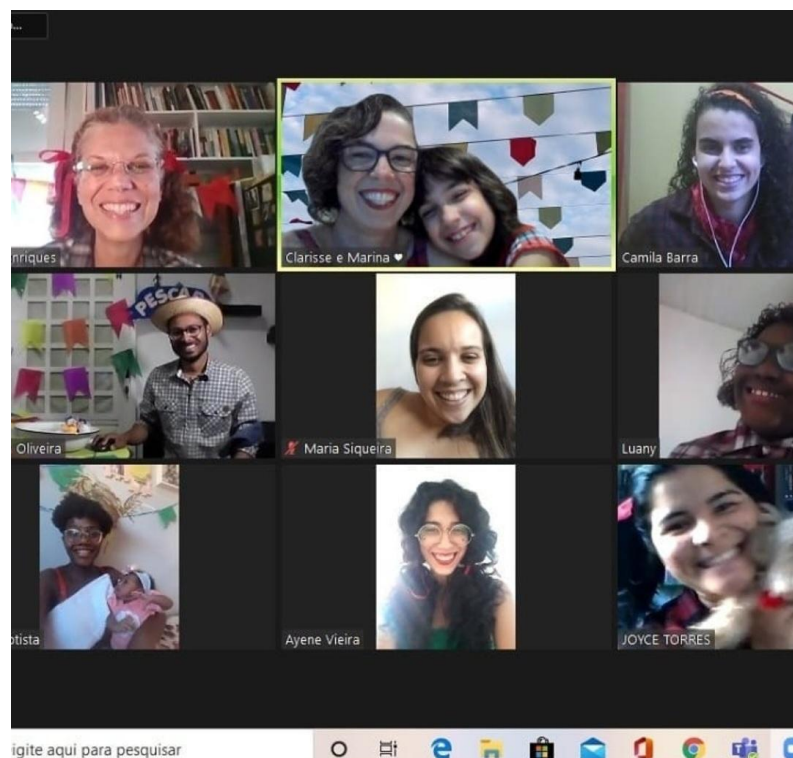
² Mais informações em: <https://teatroemcomunidades.com.br/>

para entrar nele. A verdade é que eu não sabia se conseguiria ser professora e dar aula. Será que eu seria boa? Será que iriam gostar de mim? Será que eu saberia fazer isso mesmo? Não me sentia preparada para tamanha responsabilidade.

E foi ainda me sentindo assim, despreparada, em que eu que já estava completamente exausta dos gastos e deslocamentos para estar na universidade me inscrevi para concorrer a uma bolsa Bolsa de Incentivo Acadêmico (BIA) por meio do edital da Pró-reitoria de assuntos estudantis (PRAE) e consegui. Após o momento de alegria, veio a realidade: agora eu precisava - pronta ou não - ingressar em um Projeto de Extensão. Sem dúvidas, o primeiro que me veio à cabeça foi o Teatro em Comunidades. Sempre soube que queria fazer parte dele e agora eu tinha um motivo para deixar a insegurança de lado e tentar. Entrei em contato com a professora Marina, que me escutou atentamente, porém me informou que naquele momento o quadro de licenciandos estava completo e me incentivou a tentar uma vaga com alguns outros professores extensionistas. Caso eu não conseguisse, ela tentaria me ajudar. Fiquei bastante triste, confesso. Não pela resposta em si, mas porque eu havia passado alguns anos planejando e me preparando para aquele momento na minha cabeça, mas em nenhum dos cenários que criei eu imaginei a possibilidade do projeto estar cheio (por mais óbvio e genuíno que fosse, afinal é um dos projetos mais renomados da universidade). Porém, eu tinha um prazo para entregar a assinatura de algum professor extensionista para que eu fosse legitimada a receber o benefício da bolsa, então entrei em contato com outros professores, porém não obtive sucesso e nenhum me aceitou. Retornei o contato com a professora, que já estava de férias, mas sabendo do prazo que eu tinha e da importância da bolsa para mim naquele momento, aceitou me receber no Programa. Eu estava radiante. Finalmente conseguiria fazer parte daquilo que instigou o meu interesse genuíno desde o meu ingresso na Unirio. Foi preciso um empurrão do destino. Agora era só esperar as férias acabarem e ir para a Maré, certo? Errado.

Assim que o semestre seguinte começou, veio a pandemia do COVID-19 e com ela foi decretado o *lockdown*. Todos teríamos que ficar em casa. Então houve uma reunião e em uma decisão conjunta o programa decidiu retornar às atividades de forma on-line. Não era como eu havia planejado, mas a essa altura eu já tinha entendido que planejamentos não necessariamente se concretizam como

imaginado, e sim como conseguimos e diante da situação que estava acontecendo no mundo, era o melhor que podíamos fazer. Então, durante um ano, aos sábados de manhã nos reuníamos com alunos e professores dos postos em que o projeto costumava funcionar presencialmente, só que dessa vez todos juntos - sem distinção de idade ou turma - em um mesmo espaço: uma sala de reuniões de vídeo chamada. Foi uma grata experiência, que acredito ter sido de extrema importância para todos ali e que particularmente me ajudou bastante enquanto eu tentava dar conta de me manter sã e prosseguir firme na caminhada universitária, diante de tudo o que acontecia no mundo. Compartilhamos durante aquele ano frustrações, angústias, medos, tanto quanto alegrias, momentos de diversão e conversas importantes e acolhedoras. Definitivamente estar ali era um alívio no meio do caos, porém não consegui me livrar dos sentimentos e questionamentos que eu sentia naquele momento, então após um ano participando do programa, tomei a decisão de trancar a faculdade e sair do Teatro em comunidades por tempo indeterminado.





Capturas de telas do evento online “Saraiá” em 2020 via Plataforma Zoom

Quando você disse não haver docência sem discência, concordo plenamente. Hoje quando olho pra trás e vejo que quase desisti deste curso, percebo que me faltava a prática da escuta, do corpo, do jogo, da rua, do olho no olho, dos cheiros e sensações que só o teatro presencial pode proporcionar. A rua e o espaço como elementos pedagógicos. Hoje gosto de enxergar minha trajetória como uma grande colcha de retalhos. À medida em que eu encontrava algo pelo caminho, costurava aquele saber à ela e continuava a busca do próximo. Uma colcha de retalhos não se propõe a ser linear. Há sim linearidade nela, mas não é o que a constitui em essência. Na colcha de retalhos há também seletividade, afinal não é o fato de ser retalho que lhe garante espaço. É preciso “afetamento”. Às vezes me pego pensando que tantos desses retalhos que encontrei pelo caminho, não eram o que eu estava buscando inicialmente, mas acabaram por se mostrar melhores até. Talvez inconscientemente fizessem parte da minha busca, já que eu só pude perceber tamanha necessidade deles no encontro de afetações. E nessa colcha, a extensão universitária foi um retalho essencialíssimo e determinante em minha

trajetória, já que depois de anos, é nela que reencontro “afetamento” e consequentemente propósito.

Em 2022, após ter passado dois anos refletindo sobre terminar ou não o curso, ter deixado minha colcha de afetos guardada no fundo do armário e ido me aventurar em interesses diferentes, acontece mais um daqueles encontros que não busquei, mas me encontrou. Literalmente. A professora Marina e os colegas que faziam parte do Programa de Extensão Teatro em Comunidades me encontraram no meio da multidão de uma manifestação na Cinelândia, onde eu havia ido sozinha. Eu, perdida em um “mar vermelho”, fui encontrada justamente por eles. Foi inevitável sentir o afetamento. Parecia que algo realmente me prendia a Licenciatura. Era hora de retornar. Eu não podia desistir tão fácil desse espaço que lutei para conquistar. Não era só sobre mim. Algumas semanas depois desse encontro, destranco minha matrícula, tiro a minha colcha do fundo do armário e retorno às aulas com um propósito em mente: extensão.

Gosto de ser homem de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade. (Freire, 1996, p 21.)

Carta 4 - Como caminhar no descompasso?

Para: Nalui e Joy

Sexta-feira, 28 de Fevereiro de 2025

Queridos amigos,

Hoje tenho a felicidade de poder chamá-les assim. Porém não foi assim tão rápido que chegamos até aqui, não é mesmo? rs. Em abril de 2023 nossa equipe foi formada para dar aulas para a turma de adolescentes do Centro de Artes da Maré. Eu, com 29 anos, Joy com 24 e Nalui com 22. Éramos de turmas e gerações diferentes, além do fato de que não nos conhecíamos. Exceto por uma matéria que havia feito com Nalui, mas nunca tínhamos se quer conversado, e alguns encontros do Teatro em Comunidades on-line em que Joy participou como ouvinte. Zero intimidade e aparentemente zero em comum. Mas só aparentemente mesmo, é o que iríamos descobrir (ainda bem). O primeiro desafio estava posto: fazer funcionar um trio de professores que se desconheciam.

Dar aula definitivamente não é algo fácil, independentemente de você ser novato ou veterano no assunto. O ato de ensinar exige muitas habilidades que precisam ser desenvolvidas e aprimoradas constantemente. Paulo Freire escreveu páginas e páginas sobre elas. Justamente por saber disso que demorei tanto tempo para conseguir criar coragem para iniciar a prática. O início de tudo é sempre difícil, pois se faz necessária uma boa dose de vulnerabilidade para se colocar em risco para o erro e entender que ele faz parte do caminho para o acerto. Sobre isso muito têm se falado, mas dar aula coletivamente não é algo para o qual somos preparados. Na verdade, o caminho da docência é constantemente descrito como um caminho individual e por vezes solitário. Assim que entramos na escola, temos apenas uma professora que dá conta de todo o conteúdo que precisamos aprender em nossa fase inicial. Após esse período, as matérias são divididas para vários professores, porém sempre um único representante de cada em sala de aula. Cada um tendo a sua vez, o seu dia e horário.

A proposta da extensão universitária é que es/os licenciandos tenham espaço para colocar em prática o que aprendem em teoria nas salas de aula, criando assim uma interação entre a academia e a população. Desta forma, é preciso que os alunos e futuros professores dividam esse espaço de prática, que por muitas vezes é escasso. Isso pode trazer vantagens e desvantagens, mas definitivamente contribui com mais camadas ao desafio da docência. Ao dividir, ou melhor, compartilhar espaço com outros professores, precisamos colocar em prática o exercício da escuta. Ouvir o outro é o primeiro passo para conseguirmos nos entender e pensar coletivamente, pois no exercício da escuta podemos aprender sobre o outro e assim compreender seus objetivos e teses.

Naquele semestre de 2023 quase todo o corpo de licenciandos do projeto havia sido renovado, tendo em vista que a maioria dos que antes estavam haviam se formado no semestre anterior. Por essa razão começamos o trabalho do Teatro em Comunidades daquele semestre com encontros na Unirio que começaram semanas antes do trabalho em campo, onde podíamos tanto nos conhecer, quanto conhecer mais sobre o projeto e sua linha de pesquisa. Nesses encontros trabalhamos a teoria, lendo alguns artigos trazidos pela professora Marina, mas também a prática, onde nós participamos de jogos teatrais trazidos por ela inicialmente (como ponta-pé inicial) e em seguida por nós, com nosso repertório adquirido tanto dentro da academia, quanto fora. Esse primeiro contato entre nós foi de extrema importância, para que pudéssemos estar um pouco mais confiantes e preparados para o encontro que viria mais tarde com os alunos na Maré. Em seguida, tivemos a oportunidade de fazer uma visita ao Centro de Artes da Maré (CAM)³ com a mediação de seu diretor Marcos Diniz, que nos contou um pouco mais sobre o espaço e também nos apresentou outros aparelhos da Redes da Maré⁴, instituição da sociedade civil que coordena o espaço.

³ O CAM, fruto da parceria entre a Redes de Desenvolvimento da Maré (REDES) e a Lia Rodrigues Companhia de Danças, foi idealizado para criação, formação e difusão das artes, com destaque para a dança contemporânea. <https://www.redesdamare.org.br/br/info/3/centro-de-artes-da-mare> É um dos espaços onde acontecem as atividades do Teatro em comunidades.

⁴ Mais informações em: <https://www.redesdamare.org.br/>



Foto do primeiro encontro da equipe do Teatro em Comunidades. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2023.



Foto da visita da equipe ao Centro de Artes da Maré. Biblioteca Redes. 2023.

Assim que as aulas começaram, nós três fomos apresentadas como professores aos alunos da então “Turma Adolescente” e descobrimos que ela era formada em sua grande maioria pelos mesmos alunos do ano anterior, quando o projeto possuía outra equipe de facilitadores. Como era de se esperar, inicialmente a turma parecia um pouco desconfiada, já que eles já se conheciam intimamente e nós é que éramos novos na área. Então estava posto mais um novo desafio: conquistar uma turma que já conhecia o processo teatral sob a orientação de outros professores. O questionamento inicial era: como quebrar o gelo, a resistência do início de algo novo e nos fazer conhecer por eles, adolescentes que ainda estavam apegados aos seus antigos professores?

No projeto temos dois encontros semanais: um dos encontros são as aulas que acontecem no CAM aos sábados pela manhã e o outro, quando uma vez na semana nos reunimos na Unirio para a reunião de planejamento, onde compartilhamos com todos os integrantes do programa detalhes do processo das aulas anteriores e planejamos as aulas seguintes. Nessas primeiras reuniões de planejamento, me lembro de nós três conversarmos sobre estimularmos bastante o diálogo. A nossa estratégia era conhecê-los melhor e mostrar que estávamos ali com a intenção de construir junto, e que em hipótese alguma tínhamos objetivo de ter um processo sob ótica vertical. Nessas conversas estimulamos os alunos a falarem sobre o processo do ano anterior e ouvíamos atentamente e genuinamente interessadas, pois sabíamos que ao escutar suas experiências, poderíamos aprender mais sobre eles e também sobre nós, assim como fala Paulo Freire:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas

também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido.

(Freire, 1996, p 25)

Aos poucos, com o passar dos encontros eles foram se abrindo juntamente com a chegada de algumas figuras novas na turma, o que nos ajudou bastante, já que nos dava a possibilidade de poder retomar alguns trabalhos de base que parte considerável da turma já tinha conhecimento, por terem participado de um processo anterior a nossa entrada no projeto. Ali, eles iam podendo nos conhecer um pouco mais como professores e nós também podíamos conhecer eles mais a fundo.

Nas primeiras reuniões de planejamento, nós também criamos um método que nos acompanhou durante os dois anos de programa, e constava em dividir a aula em três momentos: O Acordamento, Os Jogos e Os Improvisos. O acordamento foi o nome que demos para a primeira parte da aula, onde recebíamos os alunos, a princípio com uma conversa rápida a fim de saber como estavam chegando e como havia sido aquela semana desde o nosso último encontro, e a partir daí partíamos para alongamentos e aquecimentos tanto vocais quanto corporais. O nome se deu pelo fato de que nossa aula acontecia aos sábados de manhã e parte da turma chegava com semblante de sono e cansaço, então tentávamos fazer com que a experiência da chegada fosse tanto acolhedora quanto incentivadora, para que assim pudéssemos acordar juntos e com os corpos preparados, seguir para a segunda parte da aula. Os jogos ou exercícios era o momento em que depois de devidamente acordados, incentivamos seus corpos a entrar em estado de jogo/brincadeira com o intuito de aumentar ainda mais a disponibilidade. Durante os jogos e exercícios, íamos inserindo elementos que seriam trabalhados mais para a frente. Era o momento onde entrava a ludicidade. Após essas duas etapas, partíamos para a parte mais esperada por eles: o improviso de cena. No início, tentamos fazer com que a etapa final do improviso não fosse uma regra, para que não se tornasse uma espécie de produto ou resultado final da aula. Porém, os próprios alunos sentiam falta desse momento e pediam por ele, então voltamos a inseri-lo. Geralmente eram passadas algumas instruções e elementos para que fossem usados durante as cenas que iriam construir, mas tentávamos deixar os

temas livres para que pudessem desenvolver a criatividade, a capacidade de organização e o senso de coletividade.

2023

E foi partindo desses improvisos que começamos a construção da nossa peça no início do segundo semestre de 2023, quando retornamos das férias. Começamos propondo a eles uma reflexão a respeito do que seria “Território”. O tema sugerido não era à toa, já que observamos juntos que em seus improvisos sempre traziam questões relacionadas ao tema. Em um exercício proposto por nós, pedimos que se sentassem em roda, entregamos folhas de papel em branco e a partir da palavra “Território” sugerimos que eles escrevessem perguntas, palavras soltas ou reflexões que vinham a eles durante um tempo que seria monitorado por nós. Assim que nós apontávamos o término desse tempo, eles precisavam passar a folha para o colega ao lado que iria escrever também na mesma folha que ele. Dessa forma, incitamos uma escrita coletiva. Textos e perguntas interessantes surgiram desse exercício, como pode ser visto nas fotos abaixo:

TERRITÓRIO

- O que eu faço no meu território?
- Quem são as pessoas que estão no território?
- O que é?
- Qual o meu sonho?
- Eu faço parte daqui?
- Muitas memórias estão vivas?
- Me sinto pertencente no coletivo? *
- Qual o nome do meu território?
- Já fui apagado?

prato

solidão

doce

Trauma

Lama Del Rey

sábado

praga

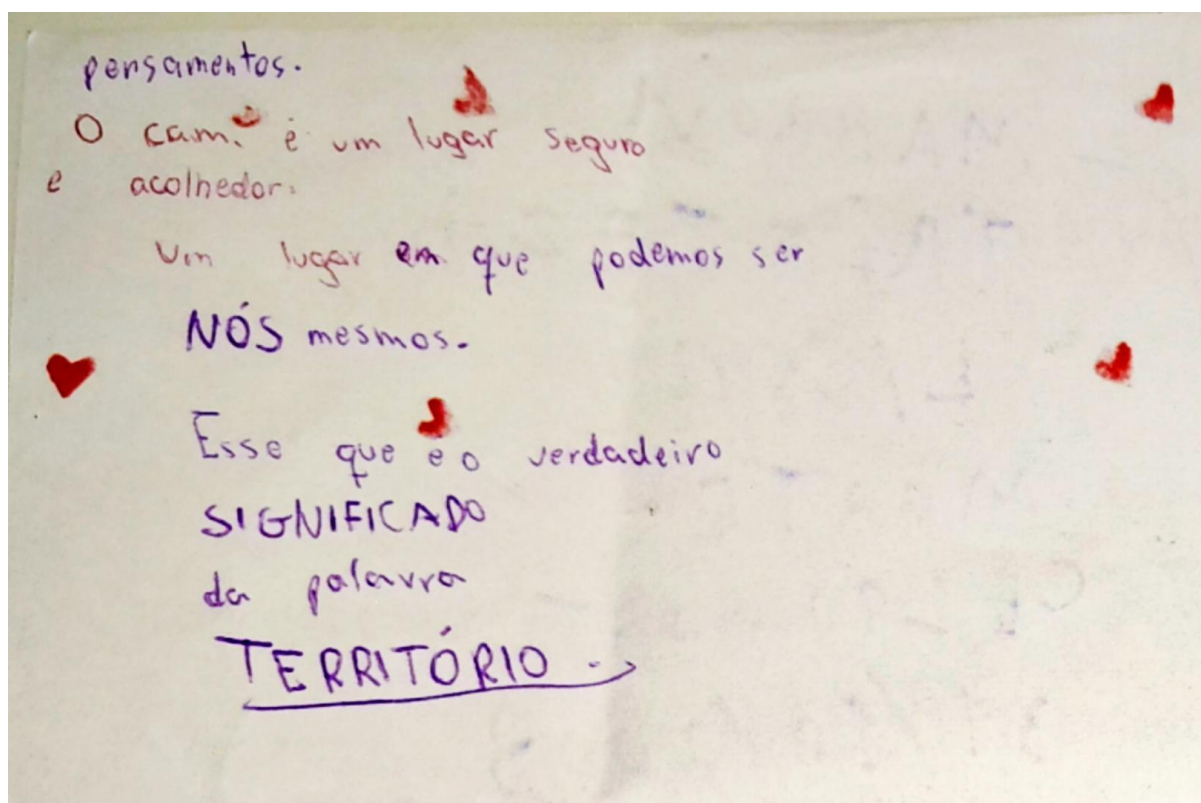
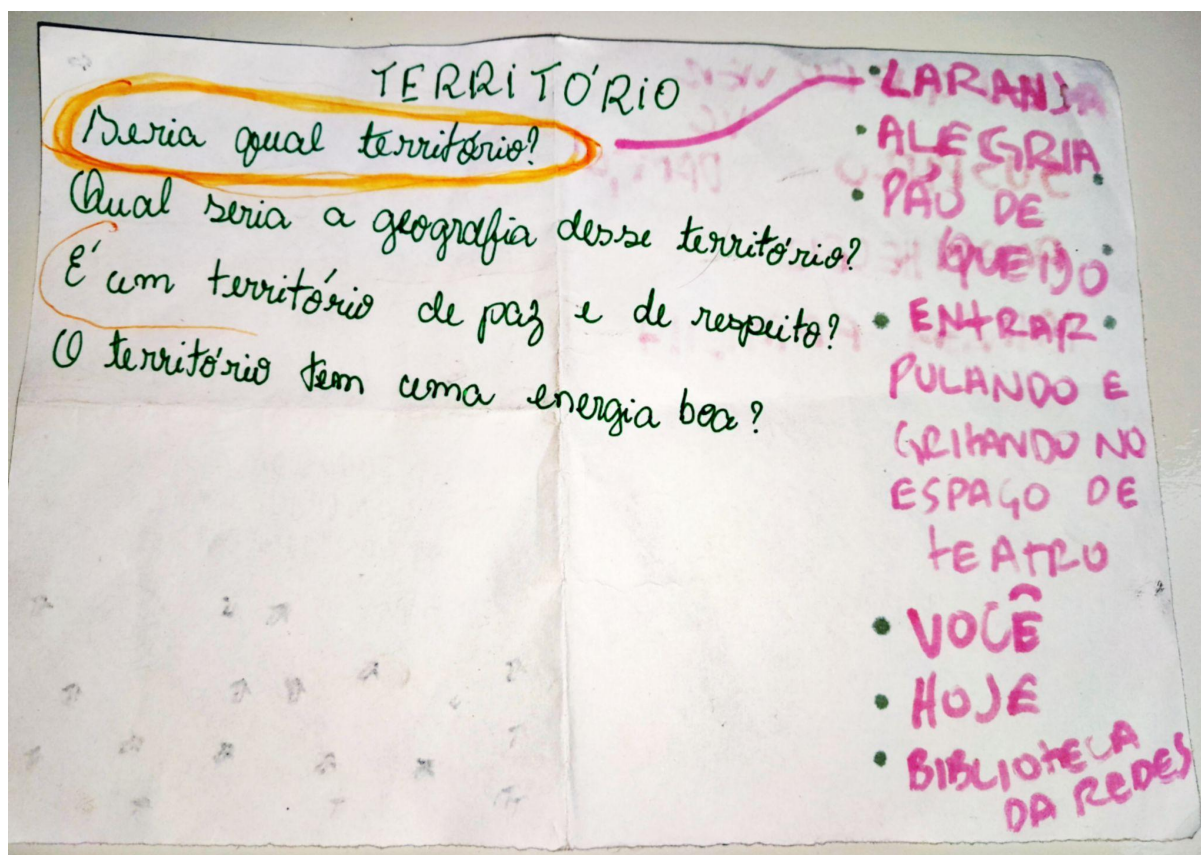
pretty when and you cry

baunilha

18:00hs

~~Moda~~ Moda.

Eu amo quando
coloco uma roupa
que gosto no guarda-
roupa. Me sinto viva,
bonita, bonita. Me
sinto ali. É como se
a vida tivesse todo o
tempo do mundo. Quan-
do tem sol eu gosto mais.
É um momento de descan-
ço e poder escolher o
que fazer me deixa feliz.
Amo ver as pessoas que



Fotos dos registros escritos do exercício.

No final da aula, como era de costume, nos reunimos em uma roda de conversa e perguntamos a eles sobre o que acharam do exercício e tema proposto. A resposta não poderia ser melhor: não só haviam gostado como gostariam de continuar a trabalhar mais em cima dessa temática. Nosso trio saiu bastante animado nesse dia e confabulando mais exercícios com base no que havíamos iniciado. E assim, criamos na semana seguinte uma atividade que nomeamos como “Museu das Referências”. Ele consistia em trazermos para os alunos referências não - brancas e periféricas que estavam diretamente ligadas com o tema que havia sido proposto na aula anterior. Então levamos a eles trechos de vídeos, livros, imagens, pinturas e músicas que remetiam ao sentimento de favela, periferia, território, pertencimento. Funcionaria da seguinte forma: nós preparamos o espaço como uma exposição, onde todos os materiais ficavam expostos ao uso deles. Usamos computadores, tablets, fones de ouvido, livros físicos e papéis para apresentar a eles esses materiais. Nós contávamos um tempo e assim que ele terminava, eles precisavam mudar de estação, e ir ao encontro de outra referência. Assim, todos conseguiriam passar pelo menos um pouco por todas as referências expostas. Após isso, deixamos um tempo livre para que escolhessem retornar para aquilo que mais os interessavam. Ao final da experiência, seguimos para a parte final da aula onde pedimos que improvisassem uma cena com inspiração em alguma referência do nosso Museu. Saíram dali mais materiais riquíssimos e ao final tivemos uma conversa que demonstrou mais uma vez o quanto eles haviam gostado de conhecer novas referências e revisitar outras já conhecidas por eles. Deixo abaixo algumas das referências usadas na atividade:

Referências visuais (Vídeos):

Perigo de uma história única - Chimamanda Ngozi Adichie

<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY&t=14s>

Escrevivência - Conceição Evaristo

<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=1073s>

Referências musicais:

Cartão de Visita - Criolo

https://www.youtube.com/watch?v=7DX4KWYU09U&list=RD7DX4KWYU09U&start_radio=1

Subirusdoistiozin

-

Criolo

https://www.youtube.com/watch?v=Da04TlloTg0&list=RDDa04TlloTg0&start_radio=1

Território

Ancestral

-

Kaê

Guajajara

https://www.youtube.com/watch?v=ryzjqudngfM&list=RDryzjqudngfM&start_radio=1

Principia - Emicida <https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q>

Referências Literárias:

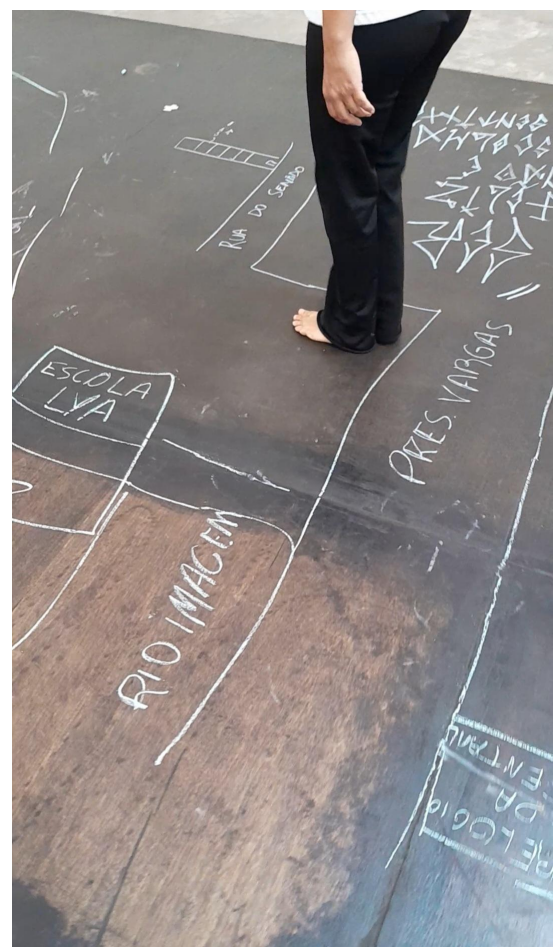
Poesia Negra Feminina - Heleine Fernandes de Souza

Tudo sobre o amor - Bell Hooks

O perigo de uma história única - Chimamanda Ngozi Adichie

Jornal Maré de Notícias <https://mareonline.com.br/>

No sábado seguinte continuamos nossa pesquisa acerca do tema e trouxemos uma nova atividade: o Mapa do Território. Esse exercício foi aprendido por nós em uma das aulas da matéria Teatro em Comunidades, que faz parte da grade de Licenciatura e é ministrada pela Profa Marina Henriques. Nele, desenhamos um mapa que liga o lugar onde vivemos à universidade, passando por todo o caminho que fazemos até chegarmos ali. Achamos que seria bastante interessante levar essa atividade para eles, com algumas adaptações. Levamos uma caixa de giz e distribuimos para os alunos. No meio do palco, criamos um retângulo de giz onde dentro se encontrava escrito CAM. Então apresentamos a proposta a eles: conversando entre si, eles precisavam falar onde moravam e encontrar quem morava perto deles para que criassem juntos o mapa do caminho que faziam de suas casas até o Centro de Artes aos sábados pela manhã. A ideia era que fizessem um grande mapa de forma coletiva e detalhada, para que vissemos nele não só as suas casas, mas as de seus vizinhos, os comércios e estabelecimentos por onde passavam durante o caminho. No final, cada um se apresentava e nos levava pelo mapa refazendo o caminho de sua casa.



Turma de adolescentes do Teatro em Comunidades criando o Mapa da Maré. Centro de Artes da Maré. 2023

Este foi um exercício em que o entusiasmo deles se revelou logo de início. Acredito que por estarem se apropriando do espaço do palco de uma nova forma, pelo desenho. Logo, eles mesmos se dividiram em grupos por proximidade de casas e começaram o trabalho de forma empolgada. Ao final, percebemos que eles estavam muito mais integrados entre eles, inclusive vendo nascer relações entre alunos que não tinham intimidade ou interação anteriormente. Creio que a escolha de falar sobre um tema que todos têm em comum - o território onde vivem - e a possibilidade de poder conhecer um pouco mais uns aos outros foi crucial e deu espaço para que interesses em comum aparecessem.

Após esse encontro, nosso trio se reuniu para pensar a respeito da criação do espetáculo de final de ano, que os alunos após serem questionados se gostariam de realizar, fizeram questão de fazer. Ao pensarmos em temas, era claro que “Território” seria o motriz. Levamos então o tema como sugestão para a turma e eles concordaram de imediato. Fechado o tema, começamos a pensar na dramaturgia do espetáculo e como ela se construiria. Sabíamos que queríamos criar tudo em cima do que eles já haviam trazido em seus improvisos de cena durante as aulas, mas a parte da organização foi um pouco desafiadora, já que nós nunca havíamos criado um espetáculo como professores. Encaramos a missão com medo, mas também coragem. Uma das primeiras coisas que sabíamos que precisaria estar no espetáculo era o mapa da Maré que eles haviam feito em aula. Este serviu como um fio condutor do espetáculo e base para criarmos tanto a dramaturgia quanto o cenário. A ideia inicial era a de que dois amigos estariam apresentando a Maré para a plateia, e que inclusive algumas pessoas fossem convidadas para caminhar no palco, junto com eles sob o mapa, então em certo momento um dos personagens convida o público a entrar em sua casa, enquanto conta a história do seu território, seu lugar.



Foto da cena da peça “A caminho de KZA”. Na foto, o aluno Silas Moraes e o público no palco.

Depois disso, resgatamos também um exercício que havíamos feito anteriormente no qual foi pedido para que os alunos criassem cenas com personagens animais. A ideia do exercício era que saíssem dos corpos cotidianos e dessem asas à imaginação. Desse exercício saíram coisas muito interessantes, entre elas uma cena na qual animais lutavam por território. Vimos semelhança entre a luta territorial e a nossa proposta, então a partir daí criamos uma linha dramatúrgica onde a realidade e a fábula se intercalavam.

Como dito desde o início, a nossa intenção era de que a peça fosse construída da forma mais coletiva possível, por isso pedimos para que os alunos que sentissem vontade nos trouxessem propostas de textos que pudessem ser usadas no espetáculo. Já na semana seguinte, Silas Moraes, um dos alunos mais antigos da turma, transcreveu a cena do improviso feito por ele e outros alunos no dia onde o improviso deveria ter personagens animais. Na cena, uma floresta onde macacos viviam de forma harmoniosa era invadida por leões em busca de comida e território.

Os macacos se tornavam prisioneiros e precisavam trabalhar para os Leões, que agora eram os novos donos das terras. Um dia, após perceberem a destruição do território que vinha sendo feita pelos invasores, eles percebem que caso se juntassem poderiam vencer os leões, e daí resolvem se rebelar, os expulsando e tomando suas terras de volta. Ao final da aula abrimos uma discussão a respeito do que estava sendo falado na cena e Silas e outros alunos afirmaram se tratar da colonização e sobre como geralmente a história é contada pelo colonizador. Concordamos que não gostaríamos que na nossa peça isso se repetisse. Nesse momento relembramos o vídeo da palestra TED da escritora Chimamanda Ngozi Adichie sobre o perigo de uma história única, que assistimos no Museu de Referências:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada... Eu gostaria de terminar com esta ideia: quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso. (ADICHIE, 2009, p. 16)





Registros fotográficos da peça “A caminho de KZA” da turma adolescente.

2024

No ano de 2024 as coisas foram diferentes do ano anterior. Em parte porque nós já estávamos mais experientes após dois semestres de prática e consequentemente mais sintonizados, e em parte porque a turma que se formara era em sua maioria de alunos novos, o que nos proporcionou uma dinâmica outra. Após nossa primeira reunião de planejamento para o novo semestre, decidimos por manter a base que havíamos construído durante as reuniões de planejamento do ano anterior: as três partes da aula (1. Acordamento, 2. Jogos e 3. Improvisos).

Porém, assim que as aulas começaram, fomos contemplados com a presença de uma antiga aluna do Programa que ainda não conhecíamos. Maria de Fátima é uma senhora de 69 anos, apaixonada por teatro, que fizera parte de uma das turmas anteriores. Além dela, mais alguns outros adultos vieram nos procurar interessados em participar das aulas no CAM. Então, após refletirmos em conjunto com Marina, nossa coordenadora, decidimos transformar a “Turma Adolescente” em uma “Turma Juvenil”, já que já havia uma Turma Intergeracional em Ramos ⁵e uma Turma Infantil acontecendo no espaço ao lado do nosso no Centro de Artes. Dessa maneira, podíamos contemplar alunos adultos (e porque não idosos?) no projeto, já que “Juventude” pode ser considerado um conceito amplo, assim como uma construção social. Essa mudança foi significativa e acarretou em algumas outras, pois ao se misturar adolescentes e adultos, uma dinâmica de troca de saberes e aprendizados foi se apresentando naturalmente e podíamos observar o movimento de inclusão por parte dos adolescentes, que ainda eram a maioria da turma. Dessa maneira, se tornara necessário que alguns dos exercícios da primeira e segunda parte da aula (1. Acordamento e 2. Jogos) fossem repensados, já que tínhamos agora na turma pessoas com limitações físicas que não possibilitavam sua execução. A partir daí, nosso planejamento passou a se tornar mais inclusivo, pois ganhamos uma nova perspectiva.

Seguimos com nosso planejamento semestral, no qual a intenção da primeira parte do ano era: 1. conhecermos os alunos e que eles nos conhecessem e se

⁵ O outro pólo do Programa Teatro em Comunidades está situado no Centro Municipal de Saúde Américo Veloso e é coordenado pela profa. e fonoaudióloga Clarisse Lopes.

conhecessem, 2. estimularmos sua inteiração e fortalecimento como coletivo e 3. entender sobre o quê a turma gostaria de falar/trabalhar. Portanto, os planejamentos de aula das semanas seguintes foram se baseando em promover esses pontos, com a base das 3 partes da aula que havíamos criado. Quando finalmente chegamos ao final do primeiro semestre, era a hora de fazermos a tão aguardada pergunta: Eles gostariam de fazer uma apresentação final de curso? A resposta mais uma vez foi positiva e a turma se mostrou bastante empolgada para começar esse processo ao retornarmos do recesso. Este momento era pra eles uma oportunidade de reunir as pessoas que lhes eram queridas para que pudessem assistir o que eles desenvolveram durante seus sábados pela manhã. Após a pausa, o primeiro passo era entendermos sobre qual tema ou quais temas eles gostariam de falar. Então, logo na primeira aula do retorno, fizemos nossa conhecida roda de conversa e perguntamos a eles o que tinham em mente, o que gostariam de realizar e o que não poderia faltar. Das respostas que foram aparecendo fomos surpreendidos com um pedido inusitado de uma parte da turma: eles gostariam de fazer um musical.

Um fator interessantíssimo na Turma Juvenil de 2024 era que muitos ali já eram artistas - mesmo que talvez ainda não se entendessem dessa maneira. Tínhamos em nossa turma: cantores, dançarinos, poetas, músicos, atores e por aí ia. Não era à toa esse pedido e vimos nele a possibilidade dos alunos mostrarem suas mais diversas habilidades, portanto encaramos o desafio. Mas que tipo de musical eles gostariam de criar? Fomos pra casa com essa pergunta na cabeça, prontos para questioná-los na semana seguinte e ao chegar lá, fomos mais uma vez surpreendidos: Ygor, um aluno que havia recém chegado na turma, nos trouxe o esboço de uma dramaturgia que ele havia criado durante a semana. Se tratava de uma história bem parecida com outras histórias de filmes que se passavam em escolas americanas. Mistério, bullying, patricinhas e personagens desajeitados em conflito.

Ficamos muito felizes com a iniciativa, porém achamos muito distante do que havíamos construído até então, e da nossa realidade brasileira. Levamos esse questionamento para a turma durante a nossa roda de conversa final, e eles compartilharam do mesmo sentimento. Disseram que gostaram da ideia, mas que

achavam que poderíamos tentar aproximar mais da nossa realidade, pois não se enxergavam naqueles personagens e histórias. Então, na aula seguinte pedimos que no momento do improviso final, cada grupo usasse um tema que fora sugerido por eles para a peça, para criarem uma cena. Os temas sugeridos foram: musical, suspense e comédia. Eles encararam o desafio com bastante entusiasmo como de costume, mas agora com uma pitada a mais pois se tratava do início da criação coletiva que seria apresentada por eles pros seus amigos e familiares. Desse exercício final saíram as primeiras cenas que seriam usadas no espetáculo, que mais tarde ganhou o nome de “181 - sentido Maré”. Esse nome foi dado, pois após um exercício em que era dado um lugar e os alunos precisavam encenar que lá estavam, fizemos com o comando do lugar “ônibus” e vimos um potencial em fazer disso a locação onde o espetáculo se passaria. 181 é o número do Centro de Artes da Maré, e resolvemos usá-lo como número do ônibus onde a peça se passa. A partir daí, nós adaptamos a maioria das cenas do espetáculo para acontecerem dentro do espaço do ônibus, com exceção da cena do baile.

É importante ressaltar que toda a estrutura do espetáculo foi baseada em improvisos que eles criaram em sala de aula e em textos também trazidos por eles. Como havia citado anteriormente, muitos alunos escreviam e compartilhavam conosco durante diversas oportunidades seus escritos e não poderíamos em hipótese alguma deixar suas obras de fora dessa construção. A partir daqui, vou descrever com mais detalhes as cenas criadas coletivamente e como foram dadas essas construções:

Cena 1 - Uma nova manhã inicia na Maré

Era sabido por nós que eles queriam que o espetáculo fosse musical, então pensamos em como introduzir o elemento da música nele. De início, começamos uma pesquisa com músicas que tivessem relação com os temas Maré - Transporte Público - Pertencimento. Assim, foi sugerido que nas transições de cenas nós introduzíssemos músicas que fizessem sentido com aquilo que estava sendo posto em cena. “Alagados” da banda Paralamas do Sucesso é uma música muito conhecida que fala sobre o dia a dia de comunidades e trabalhadores, e que

inclusive cita a favela da Maré em sua letra. Apresentamos a música a eles como proposta para a cena inicial, onde a ideia era de que eles encenassem o acordar na Maré, seguido por esses moradores indo pegar o ônibus 181. Eles gostaram e logo partiram para a improvisação que correu muito bem e em sintonia com a música sugerida, então ela acabou sendo a escolhida pelo grupo. Já no ônibus, a música cessa e começa o diálogo da cena entre os trabalhadores, mais especificamente entre um artista de rua que tenta mostrar sua música para os passageiros e uma trabalhadora que reclama disso. Eles começam uma conversa onde falam sobre a situação dos trabalhadores e do trabalho no Brasil.



Cena 1 - Fotografia da apresentação no Centro de Artes da Maré em 2024

Cena 2 - Saímos de casa!

Esta cena surgiu em decorrência de operações policiais ocorridas na Maré em 2024⁶. Vários acontecimentos marcaram nossas aulas durante o ano, mas um dos

6

<https://www.brasildefato.com.br/2024/09/05/operacoes-policiais-na-mare-rj-mataram-16-pessoas-em-2024/#:~:text=Moradores%20do%20Conjunto%20de%20Favelas,da%20pol%C3%ADcia%20resultar%20em%20tiroteios.>

poucos que marcaram negativamente foram as operações policiais constantes no território da Maré. Em agosto e setembro de 2024 a Maré sofreu com intensas operações policiais e somente neste ano 39 ações da polícia resultaram em tiroteios de acordo com levantamento realizado pelo Instituto Fogo Cruzado. O levantamento mostrou ainda que ao todo 16 pessoas foram mortas e 11 ficaram feridas, e que a Maré é o bairro da região metropolitana com mais tiroteios durante ações ou operações da polícia, ficando em primeiro lugar no ranking dos 5 bairros com mais tiroteios.

“Os dados mostram um padrão preocupante. Olhando a série histórica, vemos uma alta na participação da polícia nos tiroteios. E vemos também como a polícia hoje atua muito mais na Maré do que em outras localidades. Ou seja, aquela população que vive ali está convivendo com níveis de violência armada sem comparação na região metropolitana hoje. Por quê? A população tem direito de saber qual o objetivo desta política de segurança que deixa crianças sem aula, fecha a UPA, interrompe o transporte público”, questiona o coordenador.

Diante desses acontecimentos, nossas aulas precisaram ser paralisadas por algumas semanas, já que o Centro de Artes da Maré ficara fechado, visando a segurança dos alunos e dos profissionais naquele momento. Enquanto nos comunicávamos com os alunos por Whatsapp no grupo da turma, também mantínhamos a comunicação no grupo de professores, preocupados com a segurança e a saúde mental dos nossos alunos. Chegamos a fazer uma vídeo chamada com eles durante a manhã de um sábado, horário em que nós estaríamos reunidos presencialmente. Esse encontro foi marcado por uma conversa sobre como estavam se sentindo diante daquele momento difícil, mas também conseguimos jogar com eles, mesmo via tela e sentimos que aqueles que puderam comparecer ficaram felizes.

Ao finalmente retornarmos ao nosso encontro presencial, conversamos com eles sobre esse período de pausa forçada e ouvimos aqueles que quiseram compartilhar conosco. Foi aí que Silas Moraes, aluno e agora colega de curso (Silas ingressou na Escola de Teatro da Unirio em 2024, no primeiro semestre no curso de Teoria e no segundo semestre no de Licenciatura) compartilhou conosco um texto escrito por

Pedro Barroso da Escola de Teatro Popular⁷ da qual ele faz parte. O texto teve como inspiração esse momento em que a população da Maré foi forçada a parar suas atividades.

Para, para, para, para tudo

Para todos eu digo

Parem tudo

Parem as escolas, parem as creches, parem as clínicas, parem as academias

Parem a vida

Ei, você aí - fica parado

Eu disse pra ficar parado

Pode parar aí

Para a sua vida toda que a gente vai entrar

Para toda a maré eu digo

Parem

Tudo deve parar

Parem os 140 mil

Parem durante 13 dias

Parem 37 vezes em 9 meses

Parado eu fiquei

Parado no meu quarto

Parado na frente do quadrado que me mostra o lá fora

Parado com a tela na minha cara

Paro pra pensar para onde eu devo ir e como devo fazer

Parafraseando palavras eu digo o que penso

Mas é só para pensar

Parado não se pode ficar

Mas eu digo: é só para pensar

Porque só por hoje eu fico

Parado

⁷ Espaço de formação e multiplicação de Teatro do Oprimido. Mais informações em https://www.facebook.com/escoladeteatropopular/?locale=pt_BR

Então fizemos um improviso com o tema e daí nasceu a nossa segunda cena **“Saímos de casa!”** que mostrava a tentativa de um passeio à praia pelos jovens após o término das repetidas operações policiais na Maré.. Na cena os jovens entravam bastante animados no ônibus que os levariam a praia, carregando guarda-sol e cadeiras e conversando sobre as atividades da comunidade que foram forçadas a parar durante esse período, quando um policial para o ônibus de forma abrupta após achar que algo estava acontecendo. Nesse momento o texto anterior começa a ser dado inicialmente pelo personagem de Silas e, em seguida, o restante dos atores entra em coro.



Cena 2 - Fotografia da apresentação no Centro de Artes da Maré em 2024

Cena 3 - Patys VS Normais

Essa cena foi criada a partir do texto trazido pelo aluno Ygor com a ideia do musical com bases americanas. Após o questionamento da turma de que aqueles temas

pareciam distantes demais da nossa realidade, foi realizado um improviso com o intuito de trazer o tema para mais próximo da nossa realidade e foi onde nasceu a cena. Três amigas entram no ônibus em direção a festa de formatura da escola onde estudam, em seguida duas figuras entram no ônibus, são elas Britney e Bryan que também são estudantes da mesma escola, apesar de não parecer. Isto porque eles se destacam por parecerem viver em um filme de adolescentes estadunidenses, onde as falas, os trejeitos e o bullying se destacam. Eles começam a interagir com as três personagens iniciais (Márcia, Maria e Judith) e elas os colocam na realidade: todos estão indo para a festa de formatura da mesma escola, no mesmo ônibus, no Rio de Janeiro. A cena utiliza do humor do início ao fim para trazer uma crítica social a respeito da reprodução de estereótipos estrangeiros: eles cabem aqui?



Cena 3 - Fotografia da apresentação no Centro de Artes da Maré em 2024

Cena 4 - Cadê meu filho?

Essa cena foi criada a partir do Slam que Stacy Ferreira, uma das alunas da turma, nos trouxe. O texto dela fala sobre a violência policial, como podem observar:

*Como andar tranquila, se a bala lançada encontrou mais uma vítima?
Se a cada ano que passa é uma mãe que grita, que chora, que sofre
Até quando eu vou ter que aceitar a violência armada?
É sempre uma voz silenciada e uma arma na cabeça apontada
Meu filho, eles te olham e te julgam como indigente
mas não param e me escutam quando grito que você é inocente
Não olha a sua blusa da escola e veem que é estudante
E não consigo te defender dizendo que não é o traficante.
É preciso haver justiça, chega de ver o meu próximo virando estatística.
Eu estou no olho do furacão, seu rosto está estampado na camisa da saudade e
seu nome é noticiado nos jornais da televisão
O meu povo grita por uma melhora, chora e não tem um amigo
e eu já consigo ouvir um certo sábio dizer que "fácil é fazer barraco difícil é fazer
abrigo".
É tempo de se levantar, clamar por mudança ,e fazer nossas vozes serem ouvidas.
Porque
eles que são chamados de heróis, mas é nas minhas costas que ficam as marcas
das feridas.
Só queremos paz, andar com a nossa cabeça erguida, fazer um churrasco com a
família em um
domingo de tarde e ver nossas crianças soltando pipa.
Porque...
"Eu só quero é ser feliz andar tranquilamente na favela onde eu nasci e poder me
orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar"*

Junto com o Slam, também usamos como referência uma cena criada e realizada pela aluna Maria de Fátima, apresentada em nosso Saraiá⁸. Nela, Maria interpretava uma mãe que estava em uma procura desesperada pelo seu filho desaparecido.

⁸ Evento de Festa Julina realizado anualmente pelo Teatro em comunidades no campus CLA da Unirio. <https://teatroemcomunidades.com.br/eventos-e-noticias/saraia-2024/>

Então resolvemos criar uma cena onde uma mãe entrava no ônibus a procura de seu filho que havia saído para ir a aula, mas não havia voltado e não respondia as tentativas de contato. Desesperada, ela perguntava para os passageiros se haviam visto seu filho enquanto o descrevia para eles, porém não houve sucesso. É nesse momento que a personagem da Stacy entra recitando seu Slam e, em determinado momento, Maria de Fátima e Rodrigo, outro aluno da turma, também começavam a recitá-lo. No final, todo o ônibus cantava em uníssono o trecho da música “Rap da Felicidade”, de Cidinho e Doca.

Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar



Cena 4 - Fotografia da apresentação no Centro de Artes da Maré em 2024

Cena 5 - Sexta à noite, um baile

Como citado anteriormente, a cena do baile é a única cena que não tem como cenário o ônibus. Ela começa com eles chegando no ponto final do ônibus, onde

todos os passageiros descem e entram no baile. A cena foi desenvolvida a partir de um exercício que fizemos em sala de aula, no qual alguém dizia um ambiente ou situação e eles precisavam improvisar que estavam nele. A ambientação foi: Sexta à noite na Maré. E os jovens começaram a dançar e se divertir muito. Aquela empolgação coletiva foi arrebatadora e pensamos juntas “precisamos de um baile na peça!”. Então pensamos que além do baile, havia a necessidade de falar de amor, já que era um elemento que vinha sendo trazido por eles em muitos dos seus textos e improvisos. Daí pedimos para que Naju, uma das poetas de Slam da turma, trouxesse algum escrito dela que ela achasse que pudesse contribuir com o tema. Foi aí que Naju nos trouxe um de seus poemas que falava sobre uma paixão que coincidentemente aconteceu em um baile.

*“A luz do luar ilumina nossa noite
Madrugada a fora te vejo dançar
Tomando coragem sem saber ao certo como chegar
Mas de uma coisa eu sabia, não saía daquele role sem ao menos te tocar
Em minutos nossa energia bateu
Pagando de gringo fazendo uma graça
Me fiz de difícil mas pra você minha marra se rendeu
Incrível foi o tanto que isso me surpreendeu
Chegou mexendo com meu coração
Sinônimo de amor
Esquenta o corpo talvez seja desejo, afeição ou a famosa paixão
E se me perguntarem onde essa chama surgiu...
Bom, no meio do bailão...”*



Cena 5 - Fotografia da apresentação no Centro de Artes da Maré em 2024

Cena 6 - Tia inconveniente

A cena trata de uma tia que está indo assistir à apresentação de sua sobrinha que é uma mulher trans. A tia é um personagem de uma pessoa preconceituosa que reproduz falas absurdas, que infelizmente têm se tornado cotidianas. Ela não entende o porquê a apresentação acontecerá na Maré, como quem não entende que a cultura faz parte daquele local. Essa tia também não consegue entender a transição de gênero de sua sobrinha. Nesse personagem reunimos os estereótipos de muitas pessoas que os adolescentes relataram durante nossas conversas. Durante a cena, que usa do humor para tratar de temas sérios e importantes, a figura dessa tia é ironizada e é impossível não identificar alguém que você conheça hoje em dia. A cena termina com Vick, a atriz trans que faz a personagem da sobrinha, fazendo uma apresentação de vogue.



Cena 6 - Fotografia da apresentação no Centro de Artes da Maré em 2024

Cena 7 - Barulho de pipoca

Essa cena nasceu de um diálogo que tivemos com os alunos no início do processo de criação do espetáculo. Falávamos de como gostaríamos de contar essa história, e de como não gostaríamos de partir do lugar já conhecido, da história única que Chimamanda fala, pois não era nossa intenção reforçar estereótipos sobre a favela. Queríamos subverter a lógica, causar surpresa. Foi aí que Rodrigo, um dos alunos mais velhos da turma, falou sobre a ideia de criarmos uma cena usando o termo pipoco (termo usado para se referir a tiros) transformando na comida pipoca. Então iniciamos a escrita da última cena, na qual todos os passageiros do ônibus 181 estão voltando para suas casas, quando são surpreendidos por barulhos de pipoco.

Eles se abaixam, acreditando estarem em perigo e assim ficam por um tempo enquanto se desenvolve um diálogo a respeito da frequência que situações como essas acontecem naquele território. Porém, em dado momento uma passageira resolve sair e ver o que realmente está acontecendo do lado de fora do ônibus. Quando ela retorna, chama todos para saírem e verem a realidade fora daquele recorte: o carro de pipoca do Seu Zé estourou, e tá chovendo pipoca pra todos os

lados da Maré. Todos saem do ônibus animados e a cena termina com uma grande guerra de pipoca entre os atores no palco e convidando também o público para a cena.



Cena 7 - Fotografia da apresentação no Centro de Artes da Maré em 2024

Chegar até aqui não foi fácil. Diversas vezes fomos desafiados por inúmeras forças contrárias que poderiam ter nos afastado do nosso objetivo: violência policial, cortes na educação, greves, falta de transporte. Por isso faço questão de agradecer imensamente a sorte de ter trabalhado especificamente com vocês nessa caminhada. O que antes foi desencontro, fez absoluto sentido ao finalmente se encontrar e valeu toda a espera. Não imagino caminhar nesse descompasso com outros que não vocês. A generosidade, paciência, incentivo e críticas foram essenciais para que o trabalho se desenrolasse da maneira como fluiu. Joy e seu cuidado, Nalui e sua desenvoltura. E vice e versa. Obrigada por segurarem suas mãos nas minhas e unirem seus corações ao meu. Foi um prazer. Não tenho dúvidas que continuarão a fazer um belíssimo trabalho.

Com amor, Ay.

Palavras finais

Estou aqui agora, sentada em frente à tela do computador sem saber mais o que escrever. Aqui no final, mais uma vez travo ao pensar no que dizer. A verdade é que durante todo o processo de escrita desse trabalho, muito me questionei. Questionei minhas memórias, questionei minhas avaliações, questionei minha prática, questionei minha linguagem, o formato da minha escrita, minhas percepções, entre tantas coisas. A única coisa que não me questionei foi a minha aprendizagem. Esta era a minha certeza.

Formatar coisas, entrar dentro de uma caixa e me definir sempre foi algo realmente desafiador para mim. A mente trava, o corpo paralisa. Pouco se fala sobre a autossabotagem que impede os alunos de prosseguirem com processos acadêmicos. O trabalho de conclusão de curso é visto como uma espécie de “monstro”, “chefão da fase final” para a maioria dos graduandos e para mim não foi diferente, confesso. Eu fugi e me pego fugindo até o presente momento.

Sete anos depois de ingressar na universidade, finalmente me encontro de frente para o temido desafio da conclusão. Acredito que por isso escolhi o formato de cartas afetivas para escrever este trabalho. Certa vez, em uma conversa eu contava para a minha amiga e companheira de trabalho sobre os meus processos de vida e trajetória com o teatro e a universidade, e ela me disse a seguinte frase: “interessante pensar que o afeto está envolvido em tudo que você faz”. Me lembro de ser surpreendida por esta afirmação que saíra de forma tão espontânea e natural de seus lábios. Nunca havia parado para refletir a respeito disso ou sequer visto por essa perspectiva, mas no instante em que esta afirmação me confrontou, eu não tive dúvidas de que era a mais pura verdade.

No mundo em que *sobrevivemos* atualmente há quem possa pensar que a melhor forma de se proteger seja vestir uma espécie de armadura “anti-afetamento”⁹, na esperança tola de não ser afetado negativamente pelas coisas. Mero engano. O

⁹ Uso a palavra afetamento como licença poética para expressar o ato de afetar positivamente ou negativamente alguém ou uma situação ou ser afetado positivamente ou negativamente por alguém ou situação.

afeto é atravessamento. Ele atravessa o peito e corpo, a mente e o coração. O afeto é como quem passeia, mas faz questão de deixar sua marca. O afeto é movimento. Ele move, não paralisa. É uma cutucada gentil que te faz sair do lugar, nem que seja um passo para o lado. Escrever de forma afetiva é o que me fez sair da caixa que não me cabia. Me permitir ser afetada pelos encontros foi o que me trouxe até o Teatro em Comunidades. Serei eternamente grata por cada afeto que me atravessou e me moveu nessa jornada. Eles me curaram da ferida aberta da culpa por não sentir que pertencia ao meu próprio território, por consequência de escolhas que iam muito além de mim. Hoje ressignifico cada passo da jornada, sob a ótica de que tudo o que foi vivido, me trouxe até aqui. Por isso, não peço licença para me expressar de forma afetiva, já que é a única forma que conheço de expressão e movimento.

O “afetamento” que o programa me proporcionou não me cutucou de forma leve, mas de forma forte e contínua. Não como um empurrão, mas como quem apoia suas mãos nas costas de alguém e com a força necessária a ajuda e incentiva a continuar andando. Não podia ser diferente. A coletividade é forma de sobrevivência da nossa população periférica. O meu passo não é só meu. Caminho por todos que vieram antes de mim e pelos que virão depois. Continuemos incessantemente com a resiliência que nos é companheira antiga. Continuemos a fissurar o sistema que tenta nos engolir, obrigando-o a nos regurgitar. Não seremos calados. Falaremos por meio do afeto, falaremos por meio do teatro, da música, da dança, da oralidade, mas falaremos. Agradeço a Maré por me ajudar na retomada do meu corpo-território. Continuemos a fissurar e retomar histórias, territórios, corpos e mentes.

Referências Bibliográficas

- BOAL, Augusto. Teatro como Arte Marcial. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- HARVEY, David. A liberdade da cidade In: Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que Tomaram as Ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo editorial, 2012. (p. 27-35)
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NOGUEIRA, Márcia Pompeo. Teatro em comunidades, questões de terminologia. ANAIS do V Congresso da ABRACE, 2008. Disponível em: <https://ojs.portalabrace.org/ojs/abrace/article/view/1417.html>
- DE SOUZA, Heleine Fernandes. A poesia negra-feminina. São Paulo: Malê, 2020.
- HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor. São Paulo: Editora Elefante, 2021.